

EM BUSCA DO PAI
Conflito de Gerações na Literatura Autobiográfica
em Língua Alemã do Período de 1971 a 1982

Elvira Horstmeyer*



A LITERATURA AUTOBIOGRÁFICA
DOS ANOS SETENTA

traço marcante da Literatura Alemã da década de 1970 é autobiográfico.¹ No âmbito da Literatura Autobiográfica dessa década, encontramos uma quantidade surpreendente de obras em que o narrador tematiza a vida de seu pai. O narrador-filho faz uma incursão na memória e busca a “verdadeira” personalidade do pai: “Estou à procura. À procura da verdadeira imagem de meu pai.”²

A busca da imagem paterna constitui-se na reconstrução de experiências da infância e/ou adolescência.

* Universidade Federal do Paraná

¹Restringimo-nos a uma reflexão sobre as características da literatura autobiográfica, objeto deste estudo. Renunciamos a uma história da autobiografia, a fim de podermos nos estender mais na análise das obras.

²“Ich suche. Ich suche das wirkliche Bild meines Vaters.” (SCHLESINGER,

O eu-narrador recorda a própria infância, focalizando, nesse período de sua vida, o relacionamento com o pai. Embora, em sentido estrito, se pudesse falar numa forma mista (autobiografia e biografia), a crítica literária define os livros sobre o pai como autobiográficos.

Eu quero saber quem ELE é, para que fique claro quem sou EU.³

Esta citação do livro *A Pequena Figura de meu Pai* é um paradigma. No processo de recordar, o narrador-filho registra suas reações diante do pai. Estas, por um lado, iluminam a personalidade do pai, por outro, vão se condensando num retrato da subjetividade do filho. Trata-se de uma forma de auto-análise, que revela também os pressupostos particulares em que ocorreram as reações pregressas do narrador. Através da reflexão sobre o passado, o filho avalia que significado atribuiu a cada situação vivida. À medida em que reconhece que teria tido uma série de alternativas para reagir, vão se delineando os contornos únicos do seu eu. Portanto, a busca do pai resulta, em última análise, numa busca do próprio eu, explicando-se, assim, o caráter autobiográfico das obras.

O presente estudo resulta da análise de um *corpus* de obras autobiográficas em língua alemã, publicadas entre 1971 e 1982. Essas obras tratam de infâncias vividas no período nacional-socialista e no pós-guerra, portanto numa época em que os pais eram homens adultos. Essa literatura tem conotações histórico-sociais específicas, pois nela a pesquisa do passado dos pais implica uma investigação e uma tentativa de superação do passado político conhecido como Terceiro Reich. Essa literatura é um confronto ideológico com o passado: a crítica aos pais e a crítica à história se complementam e se condicionam reciprocamente. Implícito na análise do contexto histórico que determinou a vida dos pais está o desejo dos filhos de assumir posições novas perante o passado.

As obras autobiográficas, escritas ante o pano de fundo da história, constituem um complemento para as análises científicas (históricas) do período nacional-socialista. A substância narrativa desses textos penetra em camadas da vida humana que escapam às

1971, p.30) As traduções das citações são da autora deste artigo e destinam-se unicamente a este contexto.

³ "Ich möchte wissen, wer ER ist, um mir darüber klar zu werden, wer ICH bin." (HENISCH, 1975, p.9)

generalizações da ciência. Essa literatura postula a documentabilidade da vivência. A experiência subjetiva é apresentada como resposta às condições objetivas da história. Entretanto, as condições históricas não são meros impulsores mecânicos de potencialidades do caráter humano. As possibilidades latentes da personalidade adquirem contornos mais nítidos diante das condições específicas do momento histórico em que se tornaram manifestas, ou seja, diante de determinadas situações históricas, revelam-se qualidades até então desconhecidas do caráter. Na reflexão sobre o passado, o narrador destaca as reações subjetivas do fundo histórico em que ocorreram; dessa forma, revela-se a condicionalidade da reação: abrem-se para ele as outras possibilidades de resposta que a mesma realidade teria oferecido.

A análise de um *corpus* de obras sobre o tema proposto permite a comparação entre diferentes experiências pessoais e o rastreamento de reações típicas. A literatura em questão ilumina o comportamento de pessoas em relação ao nazismo, afirmando a existência da responsabilidade individual.

Nos trechos dedicados à infância, encontramos amplas e minuciosas descrições das normas educativas e dos procedimentos disciplinares adotados, no passado, por pais e educadores. Como tais procedimentos eram predominantemente autoritários e repressivos, postula-se que o desastre histórico do nazismo teve origem psicológica na infância dos homens que o promoveram.

A literatura autobiográfica que tem o pai como tema é um confronto ideológico com os pais. A elaboração do passado político se realiza pelos filhos, no lugar dos pais, em sua maioria falecidos, e nela se configura um conflito entre as duas gerações.⁴

Tradicionalmente é o pai quem exerce a autoridade na família. Ele estabelece os padrões morais aos quais toda a família se subordina. Como as experiências com o nacional-socialismo abalaram profundamente o conceito tradicional de autoridade na Alemanha, a escolha do pai como tema encerra o questionamento da legitimidade e das formas de manifestação da autoridade paterna. Inferimos que nessa literatura se articula uma crítica à estrutura patriarcal da sociedade.

A literatura que tem o pai como tema é uma busca de identidade. Reconstruir o passado do pai significa procurar vestígios do próprio eu, como já dissemos anteriormente. A herança cultural e moral dos pais, porquanto questionada pelos filhos, determina a crise de identidade destes.

⁴Discorremos sobre a natureza desse conflito à p. 6 e ss.

Podemos verificar que existe identidade entre o autor, o narrador e o personagem-filho. Outrossim, o nível documental dos textos (nomes, datas de nascimento e de morte) permitem estabelecer uma identidade entre o personagem paterno retratado e o pai real do autor/narrador.

A relação entre autor - narrador - personagem/filho e a relação entre personagem paterno - pai real sugere um tipo de texto inteiramente comprometido com a realidade. Este texto, no entanto, é uma manifestação literária, fato que lhe confere caráter ficcional. Esse paradoxo nos impõe uma reflexão sobre os conceitos de ficção, realidade e verdade na autobiografia.

AUTOBIOGRAFIA: FICÇÃO, REALIDADE E VERDADE

A reconstituição da realidade histórica do indivíduo pelo ato da recordação apresenta-se como o problema teórico central da forma autobiográfica. É impossível à memória humana reconstituir um estado de consciência passado, pois a subjetividade que recorda está transformada pela evolução que ela mesma sofreu desde o fato recordado. Logo, o fato rememorado é avaliado pela consciência atual do autobiógrafo. A autobiografia é o relato de uma seleção arbitrária de momentos vividos, que apresentam ao mesmo tempo caráter de realidade e interpretação. A realidade e sua interpretação, a partir da consciência atual do autobiógrafo, constituem a verdade autobiográfica. A interpretação é inevitável. A verdade autobiográfica é, assim, uma categoria pessoal, uma opinião ou convicção subjetiva, um modo de sentir em relação à realidade. Ela empresta às recordações espontâneas aspectos qualitativos, originais de cada individualidade. A medida da verdade autobiográfica não é a objetividade dos fatos, mas a convicção subjetiva do autor. Esta se legitima quando corresponde a uma maneira autêntica de sentir.

A honestidade é tão necessária quanto a distância em relação a si mesmo – ambos são pressupostos para que, a partir da diversidade de recordações pessoais e inconfundíveis, se configure uma personalidade de contornos próprios.⁵

⁵“Ehrlichkeit ist so notwendig, wie Distanz zu sich selbst beide sind die Voraussetzung dafür, daß sich aus der Vielfalt persönlicher, unverwechselbarer Erinnerung eine Figur von eigener Lebendigkeit herauslöst.” (PULVER, 1980, p.700)

A ficção criada pelo eu a respeito de si mesmo na autobiografia é a sua verdade. As autobiografias que são objeto deste estudo podem ser entendidas como histórias do processo de autoconscientização da subjetividade. O eu pode encontrar, através desse processo, maior integração consigo mesmo e com o mundo.

A maioria dos autobiógrafos, conscientes da discrepância entre a escritura e a vivência, faz do próprio texto veículo para a expressão de suas preocupações quanto ao registro da verdade. Thomas BERNHARD anota:

Devo dizer aqui novamente que eu anoto ou então que só delineio e só dou indícios de como senti no passado e não de como penso hoje, pois o sentimento do passado foi diverso do meu pensamento de hoje e a dificuldade está em, nestas notas e nestes indícios, transformar o sentimento do passado e o pensamento de hoje em notas e indícios que correspondam aos fatos passados, à minha experiência como educando, e ainda que provavelmente não lhe façam justiça, de qualquer forma, vou fazer a tentativa.⁶

As dúvidas quanto à possibilidade de resgate da verdade da própria existência estendem-se também ao seu meio de expressão, à linguagem. O processo de transposição da experiência vivida em linguagem, neste caso em linguagem poética, pressupõe alterações em seu conteúdo verídico, pois a linguagem poética tende a libertar-se de seu criador, constituindo uma realidade em si. Christa WOLF diz:

Não existe a técnica que possibilite transpor para a linguagem linear uma urdidura incrivelmente intrincada,

⁶ "An dieser Stelle muß ich wieder sagen, daß ich notiere oder auch nur skizziere und nur andeute, wie ich damals empfunden habe, nicht wie ich heute denke, denn die Empfindung von damals ist eine andere gewesen als mein Denken heute und die Schwierigkeit ist, in diesen Notizen und Andeutungen die Empfindung von damals und das Denken von heute zu Notizen und Andeutungen zu machen, die den Tatsachen von damals, meiner Erfahrung als Zögling damals entsprechen, wenn auch wahrscheinlich nicht gerecht werden, jedenfalls will ich den Versuch machen." (BERNHARD, 1975, p.106)

cujos fios se entrelaçam pelas leis mais inexoráveis, sem feri-la gravemente.⁷

Da mesma forma, a imagem do pai, trazida à tona pela memória do filho e concretizada no texto, carece de objetividade histórica:

E o que resta do homem vivo? O que se vislumbra dele através da engrenagem das frases? Talvez uma leve idéia do seu caráter, os contornos fugazes ou duradouros de uma imagem.⁸

O leitor defronta-se com um personagem criado pelo filho-narrador. Resta-lhe acreditar que o retrato transmitido pelo texto contenha um volume representativo de aspectos identificáveis com a pessoa real. A imagem paterna apresenta uma veracidade autêntica apenas na medida em que representa a verdade subjetiva de um filho sobre seu pai.

Os textos apresentam um volume variável de elementos documentais, tais como testemunhos de terceiros, excertos de gravações, jornais, diários ou cartas. A esfera documental permite ao narrador corroborar suas próprias observações, confrontando-as com outras instâncias, as quais garantem, em certa dimensão, o conteúdo verídico de suas asserções. O nível documental, em geral, não constitui parcela isolada nos textos; ao contrário, é sua parte integrante e subordina-se à sua idéia central. A separação entre o autêntico e o ficcional é tarefa irrealizável. "O leitor não pode controlar se aquilo que escrevo é recordação, reprodução, fantasia".⁹

⁷"Es gibt die Technik nicht, die es gestatten würde, ein unglaublich verfilztes Geflecht, dessen Fäden nach den strengsten Gesetzen ineinandergeschlungen sind, in die lineare Sprache zu übertragen, ohne es ernstlich zu verletzen." (WOLF, 1976, p.317)

⁸"Was bleibt übrig vom lebendigen Menschen? Was wird von ihm sichtbar im Triebwerk der Sätze? Vielleicht eine Ahnung von seinem Charakter, die flüchtigen oder festen Konturen eines Suchbildes." (MECKEL, 1980, p.55)

⁹"Der Leser kann nicht kontrollieren, ob das, was ich schreibe, Erinnerung ist, Wiedergabe, Phantasie." (VESPER, 1977, p.100)

UM CONFLITO ALEMÃO DE GERAÇÕES

Podemos afirmar, recorrendo a uma hipótese levantada pelos psicólogos sociais Alexander e Margarete MITSCHERLICH, que a literatura em questão reflete um conflito de gerações¹⁰ inédito. Em virtude das circunstâncias históricas que o cercam, esse conflito é especificamente alemão, ultrapassando em qualidade e profundidade o clássico conflito (de Édipo) que ocorre em todo relacionamento entre duas gerações. A hipótese levantada por A. e M. MITSCHERLICH postula que os alemães não elaboram com a devida profundidade o seu passado político mais recente. Ou seja, embora tivessem participado emocionalmente dos sonhos hegemônicos de Hitler, os alemães, ao término da Segunda Guerra, recalcarão de forma súbita e radical os sentimentos acalentados durante o período de vigência do Terceiro Reich, a fim de evitarem um trauma depressivo. Em outras palavras, os alemães não prantearam a perda do Terceiro Reich. A falta do “trabalho de luto”¹¹ pelos ideais perdidos produziu o que os MITSCHERLICH denominam de imobilismo psicossocial, isto é, uma notória apatia em relação à política, ao lado de exacerbado interesse pelo consumo. As teses dos MITSCHERLICH foram corroboradas por outros estudiosos, entre eles M. SCHNEIDER e W. BRETTSCHEIDER, os quais estabelecem uma relação entre a onda de autobiografias literárias dos anos de 1970 e aquela hipótese psicossocial: a negação mental do Terceiro Reich pelos homens que ativa ou passivamente o promoveram impediu que eles falassem com seus filhos sobre esse passado político. No entanto, embora tacitamente encoberto, esse passado continuou ativo, impregnando poderosamente a atmosfera dos lares, no pós-guerra. Os pais, embora tivessem afastado de si a dor pelas perdas sofridas, não puderam evitar sentimentos latentemente depressivos, os quais, inconscientemente foram transmitidos aos filhos. Finalmente, a melancolia dos pais tornou-se manifesta nos filhos, os quais por meio da literatura realizam, no lugar daqueles, o “trabalho de luto”.

¹⁰O termo “geração”, neste contexto, refere-se, de forma generalizada: a) No caso dos filhos, à atual geração de alemães cuja infância ou adolescência foi vivida na época nazista; b) no caso dos pais, à grande maioria de alemães que, ativa ou passivamente promoveram o nazismo, pois cada uma das obras em estudo trata da vida de um representante dessa maioria. Não nos deteremos em discutir aqui os méritos das minorias que, de uma forma ou de outra, não se identificaram com os ideais nazistas. A presente generalização constitui uma hipótese.

¹¹O termo alemão “Trauerarbeit” (trabalho de luto) refere-se ao processo psíquico de separação e introjeção, decorrente da perda de um objeto amado. O enlutado “trabalha” internamente a perda, recordando, revivendo, atualizando. Decorrido certo tempo, as energias emocionais liberam-se, podendo ser dirigidas a outros objetos.

METODOLOGIA

Os livros que têm o pai como tema podem ser assim agrupados:
 a) Livros intimistas. A descrição das relações pai-filho permanece na esfera estritamente pessoal. b) Livros que, além de aspectos intimistas, apresentam uma investigação sobre o passado político do pai.

Concentramos a análise em obras que se inserem no item "b" acima, as quais permitem conclusões relevantes do ponto de vista psicossocial. Não foram examinados aspectos formais e estilísticos dos textos. O método também não exigiu uma análise completa de cada obra. A análise revela microprocessos ideológicos e psicológicos do fascismo alemão.

CORPUS

O *corpus* deste estudo compõe-se dos autores e das obras que alinhamos a seguir:

	Ano de Publicação	Abreviatura utilizada nas citações
ÁUSTRIA		
Thomas BERNHARD (*1931) <i>A Causa</i> (Die Ursache) ¹²	1975	C.
Brigitte SCHWAIGER (*1949) <i>Longa Ausência</i> (Lange Abwesenheit)	1980	LA.
Peter HENISCH (*1943) <i>A Pequena Figura de meu Pai</i> (Die kleine Figur meines Vaters)	1975	PPF.
REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ		
Klaus SCHLESINGER (*1937) <i>Michael</i>	1971	M.
Christa WOLF (*1929) <i>Amstras da Infância</i> (Kindheitsmuster)	1976	AI.

* Ano de nascimento dos escritores.

¹²Os títulos das obras foram traduzidos pela autora deste trabalho, com duas exceções: Peter HÄRTLING, *Dívida de Amor*: com esse título uma tradução de Kurt Jahn foi publicada pela editora Brasiliense em 1986; Christoph MECKEL, *Retrato Falado*: adotamos a tradução de Irene ARON no ensaio *Biografia. Um jogo*, publicado em *O Folhetim* nº 527, mar. 1987.

REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA

Sigfrid GAUCH (*1945) <i>Pegadas do Pai</i> (Vaterspuren)	1982	PP.
Peter HÄRTLING (*1932) <i>Dívida de Amor</i> (Nachgetragene Liebe)	1980	DA.
Christoph MECKEL (*1935) <i>Retrato Falado</i> (Suchbild. Über meinen Vater)	1980	RF.
Elisabeth PLESSSEN (*1944) <i>Comunicado à Nobreza</i> (Mitteilung an den Adel)	1976	CN.
Ruth REHMANN (*1922) <i>O Homem no Púlpito</i> (Der Mann auf der Kanzel)	1981	HP.
Bernward VESPER (*1938) <i>A Viagem</i> (Die Reise) ¹³	1977	V.

MICROPROCESSOS IDEOLÓGICOS E PSICOLÓGICOS DO FASCISMO

Analisando as reações dos pais ante o nazismo, podemos descrever mecanismos que condicionaram o seu comportamento, fazendo deles seguidores passivos, cúmplices ou adeptos convictos do nazismo. Em dois dos livros analisados, *Amostras da Infância e Dívida de Amor*, os filhos investigam também o seu próprio comprometimento, enquanto eram adolescentes, frente ao nazismo, constatando que a sua consciência juvenil havia sido corrompida pelo regime.

Constatamos, a partir da análise da maneira de pensar de alguns personagens, o escritor Eberhard MECKEL (*Retrato Falado*), o pastor da Igreja Luterana Reinhold REHMANN (*O Homem no Púlpito*) e o aristocrata C.A. (*Comunicado à Nobreza*), que a concepção de mundo de um grande número de alemães cultos impediu uma avaliação correta da política nacional-socialista. Essa concepção de mundo se caracterizava por um idealismo romântico, vol-

¹³Na relação de autores, foram considerados três países de língua alemã: Áustria, República Democrática Alemã e República Federal da Alemanha. Esses três países têm um passado histórico e político comum, que coincide com a fase da vida dos narradores a que se reportam as autobiografias. A República Federal da Alemanha está representada com um número maior de autores, pois ali a quantidade de obras tematicamente concernentes ao pai é mais elevada, e a discussão dos problemas levantados por essa literatura atinge dimensões mais amplas.

tado para valores do humanismo clássico. “Ele vivia, sonhava e escrevia como se, além de Goethe e da Alemanha, nada mais tivesse existido.” (RF.p.31).¹⁴ A concepção de mundo idealista mantinha-os alienados da política, a qual era considerada incompatível com a cultura. “A política era para os outros, de forma geral não passava de uma palhaçada suja; os redutos intelectuais mantinham distância dela.” (RF.p.32).¹⁵ O pensamento elitista desses homens mantinha-os distanciados do partido nacional-socialista, cujo estilo político desaprovavam. Porém, o mesmo pensamento elitista os condicionava à aceitação da idéia da superioridade racial germânica, aproximando-os perigosamente da ideologia nazista. O homem culto típico dos anos trinta era apaixonadamente patriótico: orgulhava-se da tradição militar prussiana, cujos valores foram restaurados pelo discurso ideológico do nacional-socialismo. A postura idealista desses intelectuais impediu uma apreensão crítica das bases econômicas do fascismo. O patriotismo e a glorificação da guerra, bem como o sentimento de humilhação, em consequência da derrota na Primeira Guerra Mundial, determinaram a aceitação da guerra de Hitler, não havendo questionamentos em torno de sua legitimidade. A visão de mundo desses personagens paternos encerra o anticomunismo emocional: invariavelmente, as razões que os levavam a rejeitar o comunismo permanecem no plano do preconceito. “A política era tabu. A política não podia entrar em casa. O comunismo ficava além do tabu, era impronunciável, demoníaco, um malefício.” (CN.p.73).¹⁶ Esse elemento de sua visão de mundo favoreceu uma aproximação com o caráter conservador da política nazista, embora, como dissemos, a rejeitassem por seu estilo, que consideravam ruidoso, vulgar e incompatível com a “dignidade da cultura”.

A mentalidade acima descrita é característica para certa camada de intelectuais dos anos trinta. Sua maneira de pensar anacrônica revelou-se tragicamente inconsistente perante o nazismo, de que se tornaram instrumentos passivos, atropelados por acontecimentos históricos que não conseguiram apreender.

Uma visão de mundo tradicionalmente conservadora, monarquista e profundamente anticomunista condicionou a aceitação entusiástica do nacional-socialismo pela imensa maioria dos membros da Igreja Luterana da Alemanha. Pela análise do comportamento do pastor Reinhold Rehmann, podemos demonstrar que o anticomunis-

¹⁴“Er lebte, träumte und schrieb, als habe es immer nur Goethe und Deutschland gegeben.”

¹⁵“Politik war das Geschäft anderer Leute, alles in allem ein schmutziger Zauber, man hielt die Räume des Geistes davon frei.”

¹⁶“Politik war Tabu. Politik gehörte nicht ins Haus. Der Kommunismus stand jenseits des Tabus, war unaussprechbar, teuflisch, Teufelei.”

mo emocional e a ética cristã impediram que o pastor avaliasse objetivamente um crime político do nazismo, do qual foi testemunha.

Sintetizamos aqui um fato histórico coligido em *O Homem no Púlpito* pela narradora: Em 1933, um comando de agentes da SS ataca a sede de um sindicato para destruir uma vitrine e retirar de lá uma página de jornal em que se informava a população sobre a participação da indústria na ascensão de Hitler. No tiroteio, um agente da SS é baleado. Ele é membro da Igreja Luterana e o Pastor Rehmann é chamado para prestar-lhe socorro espiritual. O pastor é o primeiro a chegar ao local do incidente, mas o homem já havia falecido. Mais tarde, durante o processo, os agentes da SS perjuram e a culpa recai sobre os sindicalistas, que vão para a prisão e pagam por um crime que não cometeram. Anos mais tarde descobre-se que o tiro fora dado pelos próprios agentes da SS. Em sua pesquisa, a narradora toma conhecimento do depoimento de uma testemunha; esta declara que, para um veterano da Primeira Guerra, teria sido fácil avaliar a direção do tiro, tanto pelos danos no boné do homem como pela natureza do ferimento. O Pastor Rehmann era veterano da Primeira Guerra. Mas ele não se apresentou para testemunhar em juízo.

A narradora tenta encontrar uma resposta para o comportamento desse pai, a partir do conhecimento que dele tem a filha. Para esta, o silêncio do pai não se deveu à falta de caráter, covardia ou oportunismo, mas sim ao que ela chama de *Wahrnehmungsdefizit* (deficiência de percepção), uma mistura singular entre o que ele considerava essencial e o seu preconceito contra os “vermelhos”. Como os sindicalistas eram considerados “vermelhos”, o pastor, antes de qualquer verificação, antes de chegar ao local do crime, teria feito, pelas vias do preconceito, o seguinte julgamento: os “vermelhos” foram os autores do tiro. O episódio evidencia que, em se tratando da alternativa “vermelho” ou “marrom” (cor oficial do partido nazista), as simpatias do pastor voltavam-se claramente para o lado “marrom”. “Em relação aos ‘marrons’, um homem como meu pai tinha ao menos a esperança de que no interior da feia casca podia estar um cerne bom a justo (. . .). Com os ‘vermelhos’ era diferente. Não havia distinção entre cerne e casca. ‘Vermelho’ era totalmente ‘vermelho’, perigoso como uma faísca no palheiro.” (HP.p.178).¹⁷ No comportamento individual está refletida a postura que caracterizava a Igreja Luterana, na época aqui enfocada: “A igreja oficial propagava uma neutralidade aparente; ao mesmo tempo não fazia

¹⁷“Bei Braun konnte so einer wie mein Vater wenigstens hoffen, daß in der häßlichen Schale doch noch ein guter, rechter Kern steckte (. . .). Bei Rot war das anders. Da gab es die Trennung zwischen Kern und Schale nicht. Rot war durch und durch Rot, gefährlich wie ein Funken im Heuhaufen.”

segredo de suas simpatias por uma política conservadora de direita.”¹⁸ A questão em torno da autoria do tiro não era essencial para o pastor. Segundo a filha, sua principal preocupação, ao se dirigir ao local do tiroteio, era: “O homem estará vivo? Poderá, ainda, fazer as pazes com Deus?” (HP.p.178).¹⁹ Todo o resto escapara à percepção do pai, imbuído que estava da essência de sua missão: a salvação da alma humana para o reino de Deus. Posteriormente, ainda que quisesse depor no processo, não poderia, simplesmente porque não vira nada. Provavelmente, ao verificar que o homem havia morrido, ajoelhar-se para orar por sua alma. “Então ele fecharia os olhos, voltaria seu olhar para o mundo interior, para os espaços da oração, onde ele estaria sozinho com o seu Deus.” (HP.p.178).²⁰

Com grande rigor moral, partindo do exemplo do pai, a filha define uma forma de comportamento culposos: “(. . .) alguém, apesar de medir seus atos diária e minuciosamente pela palavra e pelos mandamentos de Deus, ainda assim incorre em culpa, sem perceber a culpa, pois a percepção de certos pecados pressupõe um tipo de conhecimento que se realiza através do ver, ouvir, compreender, e não através de diálogos interiores.” (HP.p.180-1).²¹ O pastor, comprometido unicamente com a ética cristã, a qual o obrigava ao cuidado com a vida espiritual, mas não o obrigava à percepção da realidade histórica, não viu fatos políticos com os quais esteve diretamente confrontado.

O livro de Ruth REHMANN acrescenta subsídios à pesquisa sobre o comprometimento da Igreja Luterana durante o período nazista, revela e institui como guardiã zelosa das tradições humanistas e critica a ética cristã do Luteranismo.

No livro *A Pequena Figura de meu Pai* também encontramos um comportamento que caracteriza a “deficiência de percepção”. O personagem descrito pelo narrador é repórter fotográfico durante a guerra. Ele afasta de sua mente qualquer perplexidade ante às cenas de guerra que era incumbido de fotografar. Essas cenas, vistas por ele através de sua câmara, reduzem-se a simples matéria jornalística, eximindo-o de responsabilidade moral. Numa fita gravada, ele diz:

18.“Die offizielle Kirchlichkeit propagierte eine vordergründige Neutralität und machte zugleich aus ihren Sympathien für rechtskonservative Politik kein Geheimnis.” (AHLHEIM, 1983, p.58)

19.“Lebt der Mann? Kann er noch seinen Frieden mit Gott machen?”

20.“Dabei würde er die Augen schließen, den Blick nach innen wenden, in den Gebetsraum, in dem er mit seinem Gott allein ist.”

21.“(. . .) in der einer trotz täglicher minuziöser Kontrolle an Gottes Wort und Gebot in Schuld geraten könnte, ohne Schuld zu bemerken, weil die Wahrnehmung gewisser Sünden ein Wissen voraussetzt, das durch Sehen, Hören, Verstehen zustande kommt, nicht durch Dialoge im Innenraum.”

“E ainda que eu estivesse bem no centro dos acontecimentos, sempre senti, até certo ponto, que estava do lado de fora.” (PFP.p.45).²² Podemos inferir que a crítica do filho ao pai estende-se a todos aqueles que, de uma forma ou outra, se acomodaram, através da renúncia à consciência moral, transigindo nos acontecimentos.

Em *Retrato Falado* encontramos passagens que caracterizam a *derrealização*, termo que no estudo de Alexander e Margarete MITSCHERLICH designa um processo mental de negação, falsificação ou desfiguração da realidade. Condicionado por sua concepção de mundo, o personagem descrito por MECKEL “não enxergou” parcelas significativas da realidade política de seu tempo. Dois momentos da vida desse personagem exemplificam o mencionado mecanismo de derrealização. Em 1944, Eberhard MECKEL registra em seu diário:

Na cabine uma mulher (...); ela fala (...) sobre a corrupção e os métodos comerciais dos alemães por toda parte na administração. Subornos, preços excessivos (...), fala do campo de concentração em Auschwitz, etc. – Como soldados, estamos tão distantes de todas essas coisas, que, no fundo, também nem nos interessam; estamos aqui fora para lutar por uma outra Alemanha (...). (RF.p.43).²³

Poucos dias depois, ele anota:

(...) Testemunhei a execução de 28 poloneses (...). Um monte desordenado de cadáveres, apesar de todo o horror e de toda a fealdade, é uma cena que me deixa totalmente insensível. (RF.p.43-4).²⁴

²²“Und wenn ich mittendrin war, habe ich mich bis zu einem gewissen Grad immer außerhalb der Geschehnisse gefühlt.”

²³“Im Abteil eine Frau (...); sie erzählt (...) von den Schiebereien und Geschäftsmethoden der Deutschen allenthalben in der Verwaltung. Bestechungen, Überpreise (...) vom KZ in Auschwitz usw – Als Soldat ist man doch so fern all dieser Dinge, die einen im Grunde auch gar nicht interessieren; man steht für ein ganz anderes Deutschland draußen (...).”

²⁴“(...)Zeuge der Erschießung von 28 Polen (...). Ein wüster Leichenhaufen, in allem Schauerlichen und Unschönen jedoch ein Anblick, der mich äußerst kalt läßt.”

O relato da passageira no trem não desperta suspeitas, não abala o conceito que o personagem faz do soldado e da “outra Alemanha”, presumivelmente uma noção extremamente idealizada de seu país. Da mesma forma, ele permanece insensível diante da execução assassina cometida por seus compatriotas. Para manter pura a idéia, derrealiza o fato: a experiência autêntica das atrocidades do Terceiro Reich sofre uma invasão mágica e a idéia triunfa sobre a realidade.

Os mecanismos da “deficiência de percepção” e da “derrealização” constituem-se num recurso de defesa, ativado em situações de grande impacto do mundo exterior sobre a mente. A autopreservação sob o nazismo implicou a ativação maciça desse mecanismo que, se por um lado garantiu a sobrevivência, por outro lado, determinou uma culpa histórica de incomensuráveis proporções.

Todos os personagens paternos descritos no *corpus* de obras aqui analisado apresentam um comportamento autoritário. Esse comportamento caracteriza-se pela sua natureza ambígua: os pais, ao mesmo tempo em que aceitam submissamente as autoridades sobre eles instituídas, assumem um comportamento despótico, tão logo se encontrem, eles próprios, na condição de exercer a autoridade sobre outros. Examinemos o caso de Eberhard MECKEL. A carreira militar desperta o chauvinismo latente desse homem, que se propusera salvar a cultura, das influências perniciosas da época. Ao entrar para o exército, submete-se aos superiores sem restrições. A subordinação podia ser um disfarce, uma manobra para sobreviver, pois era inevitável. Mas tal não era o caso desse homem, “pois a autoridade era um ponto fixo que ele jamais questionou” (RF.p.48).²⁵ Ele aceitou subjetivamente as autoridades militares. “A autoridade era um fato que ele aceitava de uma maneira sutil e quase imperceptivelmente submissa” (RF.p.48).²⁶ Inspirado pelo patriotismo e identificado com os ideais de bravura do soldado,²⁷ Eberhard Meckel adaptou-se inteiramente à vida militar. Fez cursos teóricos e práticos, destacando-se como bom atirador. Depois de algum tempo, estava pronto para a carreira. “Comandar, dizia ele, lhe dava prazer.”

²⁵ “Autorität war ein Fixpunkt, den er niemals in Frage stellte.”

²⁶ “Autorität war eine Gegebenheit, die er auf eine sehr subtile, kaum wahrnehmbare Art der Unterwerfung bestätigte.”

²⁷ A tradição militar prussiana, que fizera escola durante a vigência do Reich Alemão e com este desaparecera temporariamente, foi restaurada com o advento do nacional-socialismo. Remonta a essa tradição o ideal de virilidade, que condena a priori toda manifestação emotiva como sinal de fraqueza ou covardia. A negação do sofrimento, o desprezo à morte, a retração emocional à tristeza, ao luto ou à dor constituíam virtudes militares que eram enaltecidas como ideais de bravura. Acrescentem-se ao rol de virtudes do soldado a disciplina, a ordem, a obediência, a honra.

(RF.p.48).²⁸ Tornou-se oficial, e como tal já não necessitava subordinar-se à autoridade. “Ele mesmo subjugava os outros: como autoridade.” (RF.p.49).²⁹ A possibilidade de usar e abusar da autoridade modificou sua óptica. Anteriormente preocupado com uma linguagem estética, passou a adotar inconscientemente o jargão militar. A adoção de outra linguagem reflete a transformação da pessoa: embrutecimento e exercício despótico da autoridade é o resultado final. “Ele se havia esquecido de quem fora no início.” (RF.p.50).³⁰

Cabe aqui uma observação sobre o caráter contraditório do nacional-socialismo: como movimento de massa ele representou a súbita ascensão, ao palco da história, da pequena burguesia,³¹ que finalmente realiza, de forma delirante, seus sonhos de poder. Paralelamente, é uma expressão da assustadora subalternidade da classe média, que se submeteu, com um fanatismo pseudo-religioso, a um regime de governo baseado num único princípio: o *Führer*. Essa mistura ambígua de domínio e submissão, que se observa nas formas de relacionamento pessoal (o pai exerce o poder na família) e na postura do cidadão perante o Estado (aqui o pai é um subalterno) caracteriza o pensamento autoritário. Produto dele é a “personalidade autoritária”. Erich FROMM lhe atribui duas qualidades contraditórias: “a ânsia de se subordinar e a avidez pelo poder”.³²

A identificação dos personagens H. Gauch, em *Pegadas do Pai* e Walter Henisch, em *A Pequena Figura de meu Pai*, com o nazismo foi total. Ela se explica pela oportunidade que lhes proporcionou o regime de escaparem à marginalização, de ascenderem na escala social e de, assim, superarem sentimentos de inferioridade e insegurança.

Dentre os personagens profundamente identificados com o regime, alguns mantiveram-se fiéis a ele, mesmo depois que a verdade sobre o comprometimento da Alemanha tornou-se conhecida. Tal é o caso de Will VESPER (*A Viagem*) que falsifica a história, a fim de manter intacta sua identidade nazista. “Hitler foi forçado a iniciar a guerra. Em 1933, o judaísmo mundial já havia declarado guerra a

28.. “Das Kommandieren, meinte er, mache ihm Spaß.”

29.. “Er selbst unterstellte die anderen: als Autorität.”

30.. “Er hatte vergessen, wer er am Anfang war.”

31.. “A classe média (ou pequena burguesia) alemã da época era formada por artesãos, pequenos e médios comerciantes, pequenos e médios industriais, pequenos e médios funcionários e funcionários públicos, pequenos e médios agricultores, os profissionais liberais e o pequeno e médio escalão militar. (SCHNEIDER, 1981, p.82)

32.. “Die Sucht, sich zu unterwerfen und die Begierde nach Macht.” (apud GREBING, 1964, p.58)

ele." (V.p.144).³³ A falsificação da verdade histórica evitou sentimentos de vergonha, culpa e medo de retaliação. Will VESPER também projeta a culpa pela derrocada do Reich sobre um alto funcionário nazista. "O Führer não sabia de nada, Bormann foi o espírito maligno." (V.p.143).³⁴ Como recurso de defesa, a projeção da culpa evitou a autodesvalorização. O preço que os personagens fiéis ao nazismo pagaram pela preservação da sua identificação com o regime foi o isolamento social e a perda gradativa de contato com o presente. Passaram a viver, mentalmente, no passado.

Tema central do confronto pai-filha em *Longa Ausência*, de Brigitte SCHWAIGER, é o anti-semitismo. Após a queda do Terceiro Reich, o pai da narradora ensaiara uma nova maneira de pensar em relação aos judeus, mas as contradições em suas idéias demonstram a continuidade do preconceito: "E os judeus. (...) Naturalmente é um crime inacreditável. (...) Mas (...) não pode ser coincidência o fato de não serem benquistos em parte alguma (...)" (LA.p.33-4).³⁵ Magoada pela rejeição que sempre recebera do pai, a filha o afronta, iniciando uma relação amorosa com um judeu, homem muito mais velho do que ela. Logo dá-se conta de que, nessa ligação, apenas procurava um outro pai. E a narradora reconhece uma outra verdade: seu próprio profundo preconceito anti-semita, revelado nos ressentimentos que nutre contra o amante. Percebe que seu preconceito havia se originado na infância, quando se identificara com o ódio do pai contra os judeus. "Eu repetia muitas das coisas que o meu pai dizia sobre os judeus." (LA.p.38).³⁶

Um personagem paterno que se destaca dos demais por sua tentativa de resistência ao nazismo é descrito por Peter HÄRTLING, em *Dívida de Amor*. Homem muito calado, de temperamento inseguro e receoso, não obstante mantém, tanto quanto possível, sua integridade pessoal, durante a era nazista. Em seu escritório de advocacia, recebe principalmente clientes judeus e tchecos, aconselhando-os juridicamente, no sentido de escaparem à deportação. Esse pai torna-se progressivamente mais calado. Tudo indica que o mutismo se acentuou por necessidade, passando a ser um recurso de sobrevivência.

As experiências do eu-narrador, no livro *Amostras da Infância*, de Christa WOLF, são vividas num círculo familiar pequeno-bur-

³³"Hitler ist zum Krieg gezwungen worden. Das Weltjudentum hat ihm schon 1933 den Krieg erklärt."

³⁴"Der Führer wußte von nichts, Bormann war sein böser Geist."

³⁵"Und die Juden. (...) Natürlich ein unglaubliches Verbrechen. (...) Aber (...) das kann doch kein Zufall sein, daß die Juden nirgends beliebt sind (...)."

³⁶"Ich habe vieles, was Vater über die Juden sagte, nachgesagt."

guês. A narradora mostra como ocorreu a influência do nazismo nesse microcosmo. Sua personagem central, a menina Nelly, passa por um processo de nazificação. O livro apresenta um rastreamento minucioso das complicadas relações entre a pressão externa e a reação subjetiva de Nelly. A menina aprendeu que no mundo dos adultos existem zonas de mistério, inacessíveis às crianças. Determinadas palavras (tais como degenerado, imbecil, estéril) provocavam no olhar dos adultos um certo brilho, sinal de que se tratava de assunto tabu, e a criança, repetidamente frustrada em suas indagações, aprendeu a reprimir sua curiosidade, tão logo detectasse “aquele brilho”. E como não entendesse as palavras tabus, investia-as de medo. Nelly passou a dispor de um vocabulário bastante singular, definido por ela como “palavras brilhantes”. O processo associativo começou quando o medo natural da criança (medo de perder a mãe, medo de cobras e de bruxas) foi tomando, através das “palavras brilhantes” (tísica, doença venérea, estéril, etc.) uma coloração social. O medo toma conotações políticas com as palavras “comunista” e “acampamento”. A cadeia se completa quando, por caminhos inexplicáveis, Nelly estabelece uma ligação entre animais que lhe causavam nojo (cobras, rãs, lagartos), a palavra “impuro” e o rosto cheio de espinhas de um menino judeu da vizinhança. Assim, pelos peculiares caminhos da associação e do medo, processou-se, numa menina entrando na puberdade, a desumanização dos judeus. A noção de animal igual impuro igual judeu tornou-se um conceito firmemente ancorado na mente de Nelly.

As vivências de Nelly têm caráter paradigmático em relação à maneira como ocorreu a síndrome do fascismo, nos círculos da pequena burguesia, onde ela viveu a infância e adolescência e onde predominavam a ignorância e o preconceito.

Nos trechos dedicados à infância encontramos amplos e detalhados relatos sobre o comportamento dos pais como educadores, o que nos permite avaliar as características dos preceitos educativos praticados durante a era nazista, nas famílias e instituições de ensino.

A educação na Alemanha, em sua tradição, é excepcionalmente autoritária e repressiva. Recentemente, a Psicologia Social apresentou teses convincentes que estabelecem uma ligação entre os métodos educativos e o fascismo. O menino que recebe pancadas em vez de carinho, desprezo em vez de afeto, poderá também tornar-se agressivo. Pois, no processo inevitável de adaptação da criança ao adulto, caso se dê a identificação com um pai agressor, podem estabelecer-se condicionamentos que tornam a criança disposta e apta a adotar como seus os valores e comportamentos do pai. De uma for-

ma muito evidente, este postulado se confirma em alguns dos textos por nós analisados. É o caso do personagem Eberhard Meckel, em *Retrato Falado*. Ele viveu a infância sob o domínio de um pai despótico. Certos atos de submissão, exigidos dele quando menino, retornam mais tarde em sua postura de cidadão perante o Estado. O texto sugere que a identificação de Eberhard Meckel com o pai, cruel e autoritário, criara nele os condicionamentos para o “sucesso” de sua carreira militar e que o embrutecimento gradativo sob o regime nazista constituiria o marco final da trajetória iniciada na infância. “Ele sempre aceitara tudo – na conduta e por temperamento – ele aceitara seu pai, depois seu país (. . . .)” (RF.p.48).³⁷ Como pai, esse homem aplica ao filho os mesmos métodos severos, embora tal procedimento seja totalmente inadequado à sua maneira de ser. Inclinado para as belas-letas, às quais dedicou quase toda a sua vida, não obstante age de acordo com um modelo patriarcal tirânico, em tudo semelhante ao que observara em seu pai. As rigorosas medidas disciplinares são adotadas em nome de um código de valores: “Em nome da ordem, obediência e humanidade, a fim de que houvesse justiça e a justiça se fixasse na mente do menino, foi instituída a pena do espancamento.” (RF.p.39).³⁸ Presumivelmente, a aceitação do pai ocorreu, na infância de Eberhard Meckel, mediante um processo violento de adaptação. “Aniquilado, ele [meu pai] saiu do fosso de sua infância.” (RF.p.18).³⁹ A linha de continuidade de uma tradição educativa, aceita inquestionavelmente pelo avô e pelo pai, é submetida a uma reflexão mais profunda pelo neto, o narrador de *Retrato Falado*. É uma reflexão que tem qualidades paradigmáticas no âmbito do conflito de gerações aqui examinado. A descrição bastante detalhada, pelos filhos, da conduta dos pais como educadores e o desejo de descobrir, na tradição, a origem dessa conduta é, por extensão, a tentativa de encontrar a origem das agressões alemãs contra os outros povos. A explicação plausível para a ambigüidade do “caráter autoritário” – ele se subordina ao forte (o pai) e agride o fraco (o filho) – encontra um paralelo na história do nazismo – submissão ao *Führer* e agressão contra povos considerados raças inferiores. Wilhelm REICH define o Estado autoritário como segue:

37“Er hatte – durch Verhalten und Wesensart – schon immer alles bestätigt. Er hatte seinen Vater bestätigt, dann sein Vaterland (. . . .).”

38“Im Sinn von Ordnung, Gehorsam und Menschlichkeit, damit Recht geschähe und das Recht sich dem Kind einprägte, wurde die Prügelstrafe angesetzt.”

39“Geschlagen, kroch er aus dem Loch seiner Kindheit.”

"Primeiro, a posição social e econômica do pai reflete-se em sua relação patriarcal com o resto da família. O Estado autoritário tem, no pai, um representante em cada família, razão por que ela se torna seu mais valioso instrumento de poder. Esta posição do pai espelha seu papel político e revela as relações entre a família e o Estado autoritário."⁴⁰

Tema central do livro *A Causa*, de Thomas BERNHARD, são as experiências de um adolescente, num internato nacional-socialista. A narrativa revela uma atmosfera educativa asfixiante e progressivamente mais repressiva. O narrador culpa o diretor e os professores do internato, por ele descritos como expressões vivas do terror nazista, por todos os sofrimentos de sua adolescência. Por extensão, condena as instituições de ensino e os professores de todo o mundo, sem exceção, pelos crimes da educação, cometidos em toda parte em todos os tempos.

E os crimes da educação cometidos por toda parte em todo o mundo nos estabelecimentos de ensino contra os educandos são cometidos sempre em nome de uma dessas personalidades excepcionais, quer essa personalidade se chame Hitler ou Jesus e assim por diante. (C.p.110)⁴¹

A "GERAÇÃO DO SILÊNCIO" EM BUSCA DO PAI

"Não há, em lugar algum, silêncio mais abismal do que nas

⁴⁰ "Zunächst spiegelt sich die staatliche und ökonomische Stellung des Vaters in seinem patriarchalischen Verhältnis zur übrigen Familie wider. Der autoritäre Staat hat als seinen Vertreter in jeder Familie den Vater, wodurch sie sein wertvollstes Machtinstrument wird. Diese Stellung des Vaters gibt seine politische Rolle wieder und enthüllt die Beziehung der Familie zum autoritären Staat." (REICH, 1974, p.55-6)

⁴¹ "Und die Erziehungsverbrechen, wie sie überall auf der ganzen Welt in den Erziehungsanstalten an den zu Erziehenden begangen werden, werden immer unter dem Namen einer solchen außerordentlichen Persönlichkeit begangen, heißt diese außerordentliche Persönlichkeit Hitler oder Jesus undsofort."

famílias alemãs.” (AI.p.242-3).⁴² O motivo do “silêncio”, como sinônimo de coisas-não-ditas, na Alemanha do pós-guerra, era um consenso tácito de encobrir tudo o que dissesse respeito ao passado chamado Terceiro Reich. Três formas de reação caracterizavam o comportamento dos pais em relação ao passado recente e ao imenso peso da culpa: a retração dos sentimentos de tudo o que lembrasse o envolvimento com o nazismo, o qual foi submetido à derrealização; a identificação com as potências vitoriosas, principalmente os Estados Unidos; o esforço coletivo na reconstrução do país que, além de necessidade vital, foi, pela forma obsessiva com que se realizou, uma maneira de, por assim dizer, tornar sem efeito o que havia acontecido.⁴³ Em consequência do silêncio dos pais, os filhos da geração que promoveu o nazismo não sabiam quase nada sobre as experiências e os atos políticos de seus progenitores, durante a vigência do Terceiro Reich. O período nacional-socialista, de uma forma geral, era omitido, inclusive nos programas de História ministrados nas escolas e universidades. Os pais limitavam-se a contar aos filhos episódios das frentes de batalha, chamando atenção a insistência com que alguns procuravam ressaltar seu bom comportamento e seus atos de coragem: “Suas histórias da guerra terminavam com a afirmação de que ele tivera sempre um COMPORTAMENTO IRREPREENSÍVEL, que ele – por exemplo – contestara os seus superiores.” (RF.p.86).⁴⁴

A intensa derrealização do passado presumivelmente fez com que muitos se esquecessem dos motivos que os haviam levado a simpatizar ou comprometer-se com o movimento nacional-socialista. Num processo comparável a uma blindagem, os pais recalçaram a dor por todas as perdas sofridas, a fim de continuarem fortes e eficientes na reconstrução do seu país. “Em tempo algum, pessoas tiveram de esquecer tanto, para permanecerem eficientes, do que estas com quem convivemos.” (AI.p.451).⁴⁵

As autobiografias dos filhos dão margem à suposição de que os pais, no pós-guerra, pessoalmente desorientados e politicamente descredenciados, necessitavam da aceitação irrestrita dos filhos, pois a família tornara-se seu refúgio, último reduto onde ainda podiam exercer a autoridade.

⁴² “Nirgends wird so abgrundtief geschwiegen, wie in deutschen Familien.”

⁴³ MITSCHERLICH, 1967, p.34-7;40.

⁴⁴ “Seine Kriegserzählungen endeten in der Behauptung, daß er sich durchweg TADELLOS VERHALTEN, daß er – zum Beispiel – seinen Vorgesetzten widersprochen habe.”

⁴⁵ “Niemals haben Menschen so vieles vergessen sollen, um funktionsfähig zu bleiben, wie die, mit denen wir leben.”

Nos primeiros anos, movidos, entre outras causas, pelo acatamento aos pais, os filhos aceitaram a falta de sinceridade de seus progenitores. Quando adultos, porém, conscientizaram-se do comprometimento dos pais com a política do nacional-socialismo, fato que deu margem à insegurança, ao ódio, enfim, à revolta que culminou no Movimento Estudantil. Segundo Michael SCHNEIDER,⁴⁶ o mutismo conspirativo dos pais voltou-se contra eles próprios em 1968, quando da radicalização política dos filhos. Como os pais tivessem procurado salvaguardar apenas suas imagens paternas, encobrindo seu papel político, os jovens caíram no extremo oposto: tendiam a ver seus progenitores unicamente como sujeitos políticos, que ativa ou passivamente haviam dado suporte ao regime nazista. Naquele momento de revolta, os filhos esqueceram-se de que esses homens, apesar de tudo, eram seus pais. A falta de franqueza dos pais era motivada pelo medo de perderem o respeito dos filhos e a posição de autoridade na família. Os valores e ideais pelos quais haviam lutado estavam destruídos; seu orgulho nacional encontrava-se definitivamente abalado e sofria a justa condenação mundial. A imagem de superioridade que haviam cultivado não era mais sustentável. Desorientados, procuraram apoio nas famílias. Desacreditados como cidadãos, tinham de afirmar-se, pelo menos, junto aos filhos, de quem não suportavam a mínima crítica ou a mais leve contradição. Christoph MECKEL faz um balanço da situação: "Sua prostração torturava os filhos (eles ainda não sabiam que aquela paternidade – o déspota destronado e desorientado – era característica para toda a geração)" (RF.p.89).⁴⁷

O imenso *black-out* entre as gerações suscita perguntas sobre as razões que fizeram dos filhos, por muito tempo, aliados dos pais, na medida em que não os interrogaram antes mais detidamente sobre o seu passado. O fato histórico não era ignorado, fazia parte de suas vivências infantis. Por que não os interrogaram enquanto estavam vivos? A situação delineada no parágrafo anterior oferece algum esclarecimento. Os autobiógrafos, no entanto, não adentram diretamente essa questão, preocupados, em primeira linha, com os erros dos pais e as deficiências de sua infância e adolescência. A maioria recorda uma figura paterna dominadora, um gigante superpoderoso, que aniquilava o filho, reprimindo seus impulsos vitais. Os depoimentos dos filhos fazem entrever pais que, desde muito cedo, haviam desencorajado os filhos a se aproximarem deles. A distância

⁴⁶SCHNEIDER, 1981, p.18; 33-6.

⁴⁷"Seine Zerbrochenheit quälte die Kinder (sie wußten noch nicht, daß diese Vaterschaft – der entthronte, hilflos gewordene Despot – bezeichnend war für die ganze Generation)."

hierárquica entre as gerações, estabelecida pela autoridade paterna, leva a crer que os filhos primeiramente aceitaram as mistificações dos pais: “Nós não fazíamos a menor idéia e acreditávamos nele” (RF, p.85).⁴⁸ Acatamento ao pai, incutido pela educação e pela religião, medo das sanções, medo da perda de uma ligação já bastante frágil e a consideração pela saúde do pai, abalada pela guerra: esses motivos podem ter contribuído para a reserva dos filhos.

A onda literária dos anos setenta não se restringe ao interesse pelo desvendamento do passado político do pai. Ela é, por extensão, a busca de uma nova concepção de pai, visto que os conceitos patriarcais do passado desmoronaram perante a consciência hodierna. A autoridade patriarcal, como foi exercida no passado, perdeu a solidez. O motivo da “busca”, presente em todos os textos, de um lado, como um processo movido pela memória, do outro, como objetivo da pesquisa autobiográfica, é, além da procura do “verdadeiro” pai de cada filho, a busca de um pai novo, cuja imagem subsista no mundo atual. Tal asserção se nos impõe quando constatamos que, ao fim da busca autobiográfica, nos deparamos, na grande maioria dos casos, com imagens paternas profundamente decepcionantes. O “trabalho de luto” pelo mundo perdido dos pais, um mundo aniquilado pelo Terceiro Reich, é também o luto por uma concepção de pai ultrapassada. Mas os filhos são omissos em delinear uma imagem paterna nova. Seu gesto, por ora, termina na negação. Ao que tudo indica, uma nova imagem paterna não é, ainda, concebível.

O conflito de gerações, do qual os textos autobiográficos dão testemunho, revela que os pais educaram os filhos de acordo com um código de valores que, após as experiências com o fascismo, tornaram-se obsoletos. Embora a distância cronológica em relação ao Terceiro Reich favoreça uma avaliação objetiva, existe a proximidade psicológica, decorrente das vivências da infância e adolescência. Nessa época, o mundo dos pais, ainda intacto, era também o dos filhos, isto é, os valores em que os pais acreditavam determinaram o período inicial da vida dos filhos. Evidentemente, em virtude das inevitáveis identificações do mais jovem com aqueles que o educam, os valores dos pais deixaram marcas de intensidade variável no caráter de cada filho. A avaliação atual, favorecida pelo discernimento adulto, levanta questionamentos de importância vital para a vida dos filhos. Os depoimentos literários revelam que os filhos, embora conscientes de que a história não se repete, conhecem o extraordinário poder da “compulsão à repetição”, ou seja, a poderosa força das motivações inconscientes. Significativamente, o livro *Amstras da Infância*, de Christa WOLF, inicia com a frase: “O passado não está

⁴⁸“Wir hatten keine Ahnung und glaubten ihm.”

morto" (AI.p.9).⁴⁹ Em outra passagem desse livro, lê-se: "Quem não se recorda de seu passado, está condenado a repeti-lo" (AI.p.317).⁵⁰ Segundo MITSCHERLICH, existe uma única maneira de combater os processos inconscientes da compulsão repetitiva, e ela consiste numa reflexão crítica profunda, numa reflexão que se aproxime também das zonas tabus, protegidas pelos mecanismos de derrealização. A culpa histórica é um desses tabus. Citamos mais uma vez a escritora Christa WOLF, que define com propriedade a questão:

A libertação como processo. Como atividade pessoal que não se pode programar para um determinado dia do ano. (...) *As áreas ainda não libertas, ainda ocupadas pelo medo: história recente.* (AI.p.415).⁵¹

O texto autobiográfico é uma tentativa de aproximação individual, uma forma de reflexão, com vistas à reformulação dos conceitos e valores que orientavam a vida no passado. Diante de uma imagem paterna que se dilui, o que equivale a dizer, diante de inconsistência do mundo da infância e adolescência dos narradores, a crise de identidade era inevitável. O motivo da "busca" é, assim, em última instância, a busca, pelos filhos, da sua identidade. Uma identidade individual autêntica, em harmonia consigo mesma, requer a integração construtiva do legado dos pais. A chance da nova geração está justamente na mencionada reformulação, ou seja, na transformação dos valores que orientaram sua infância e adolescência em valores, modos de sentir, de pensar e de agir que configurem uma identidade nova, a qual se apresente ao mundo de uma forma moralmente convincente.

49. "Das Vergangene ist nicht tot."

50. "Wer sich seiner Vergangenheit nicht erinnert, ist dazu verdammt, sie zu wiederholen."

51. "Befreiung als Prozeß. Als Selbstbetätigung, für die ein Jahrestag nicht angesetzt werden kann. (...) *Die noch unbefreiten, noch von Angst besetzten Gebiete: Vorgeschichte.*" O grifo é nosso.

RESUMO

Este artigo é um resumo de nossa dissertação de Mestrado, apresentada ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 1989. É uma análise psicossocial de um corpus de obras autobiográficas, em língua alemã, publicadas nos anos setenta, cujo tema central é o pai do narrador. O estudo revela microprocessos psicológicos e ideológicos do fascismo alemão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 AHLHEIM, K. Der Weg in den Nationalsozialismus und die Evangelische Kirche; welchen Anteil hat die Kirche und wie hat sie sich verhalten? *Proteste*, Bremen, n.5, p.41-63, ago. 1983.
- 2 ARON, I. Biografia. Um jogo. *Folhetim*, São Paulo, 13 mar. 1987, p.B-89.
- 3 BAUMANN-KRISCHKE, A. *Die Eltern in ihrer Prägung durch den Nationalsozialismus; ein Kapitel Vergangenheitsbewältigung in der deutschen Literatur der siebziger Jahre*. München, 1987. 147 p. Dissertação, (Mestrado), – Ludwig-Maximilians-Universität.
- 4 BAUMGART, R. Das Leben – kein Traum? Vom Nutzen und Nachteil einer autobiographischen Literatur. In: HECKMANN, H. *Literatur aus dem Leben; autobiographische Tendenzen in der deutschsprachigen Gegenwartsdichtung*. München : Carl Hanser, 1984. p.8-28.
- 5 BERNHARD, T. *Die Ursache*. Salzburg : Residenz, 1975. 160 p.
- 6 BETTELHEIM, B. *O coração informado*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1985. 233 p.
- 7 BRETTSCHEIDER, W. *Kindheitsmuster; Kindheit als Thema autobiographischer Dichtung*. Berlin : Erich Schmidt, 1982. p.9-89.
- 8 CÂNDIDO, A. Poesia e ficção na autobiografia. In: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo : Ática: 1987. p.51-69.
- 9 FREUD, S. Trauer und Melancholie. In: _____. *Psychologie des Unbewußten*. Frankfurt am Main : Fischer, 1975. p.197-212.

- 10 GAUCH, S. *Vaterspuren*. Frankfurt am Main : Suhrkamp, 1982. 142 p.
- 11 GREBING, H. *Der Nationalsozialismus; Ursprung und Wesen*. München : Günter Olzog, 1964. p.47-87; 104-34.
- 12 HÄRTLING, P. *Nachgetragene Liebe*. Darmstadt : Luchterhand, 1980. 169 p.
- 13 HENISCH, P. *Die kleine Figur meines Vaters*. Frankfurt am Main : Fischer, 1975. 191 p.
- 14 ISER, W. *Der implizite Leser*. Kommunikationsformen des Romans von Bunyan bis Beckett. München : Wilhelm Fink, 1979.
- 15 MECKEL, C. *Suchbild: Über meinen Vater*. Frankfurt am Main : Fischer, 1983. 126 p.
- 16 MITSCHERLICH, A.; MITSCHERLICH, M. *Die Unfähigkeit zu trauern*. Stuttgart : Deutscher Bücherbund, 1967. 357 p.
- 17 _____. *Erinnerungsarbeit; zur Psychoanalyse der Unfähigkeit zu trauern*. Frankfurt am Main : Fischer, 1987. 165 p.
- 18 PLESSSEN, E. *Mitteilung an den Adel*. München : DTV, 1976. 249 p.
- 19 REHMANN, R. *Der Mann auf der Kanzel*. München : DTV, 1981. 183 p.
- 20 REICH, W. Massenpsychologie des Faschismus. In: KÜHNEL, R. (Ed.). *Texte zur Faschismusk Diskussion I; Positionen und Kontroversen*. Reinbek bei Hamburg : Rowohlt, 1974. p.30-57.
- 21 SCHLESINGER, K. *Michael*. München : DTV, 1971. 182 p.
- 22 SCHEIDER, M. *Den Kopf verkehrt aufgesetzt; oder die melancholische Linke*. Darmstadt : Luchterhand, 1981. p.7-192.
- 23 SCHWAIGER, B. *Lange Abwesenheit*. Wien : Paul Zsolnay, 1980. 124 p.
- 24 VESPER, B. *Die Reise*. Reinbek bei Hamburg : Rowohlt, 1983. 702 p.
- 25 WOLF, Ch. *Kindheitsmuster*. Darmstadt : Luchterhand, 1977. 477 p.